

AS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS, A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O CADERNO DA REALIDADE

Marcia Cristina de Almeida Cerqueira – UEFS¹

Célia Regina Batista dos Santos – UEFS²

crbss@oi.com.br

Eixo 4. ‘Organização do trabalho pedagógico’ nas escolas públicas na Educação Básica (projeto político pedagógico, gestão, currículo, avaliação, cultura, políticas de acesso e permanência)

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que discute a importância do Caderno da Realidade como relevante instrumento pedagógico da Pedagogia da Alternância. O Caderno a Realidade tem por objetivo o registro sistemático, pelos estudantes, de informações sobre a sua realidade, bem como a possível articulação dessas informações com os conceitos das diferentes áreas de conhecimento, a partir de um trabalho interdisciplinar. . A referida investigação envolve alunos e professores/monitores de 03 Escolas Famílias Agrícolas do Semiárido Baiano, porém, neste artigo apresentamos dados referentes a EFAAG - Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves, localizada no povoado Caldeirão do Mulato em Antônio Gonçalves – Ba, tendo como sujeitos de pesquisa 04 professores e 19 estudantes do 8º e 9º anos, a quem foram aplicados questionários e desenvolvida entrevistas semi-estruturadas. Os resultados apontam que na EFA investigada o Caderno da Realidade vem perdendo seu significado, se analisado à luz dos princípios da PA. Ao invés de proporcionar o estudo das informações da realidade local através de uma reflexão teórica que potencialize o entendimento do lugar, continua predominando a fragmentação do saber, tão comum nas escolas da rede de ensino urbano.

Palavras chave: Pedagogia da Alternância; Escola Família Agrícola (EFA); Caderno da Realidade; Interdisciplinariedade.

1. Introdução

As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs), através de seu princípio pedagógico - a Pedagogia da Alternância -, procura valorizar as situações e experiências cotidianas dos estudantes e de seus familiares, incentivando a elaboração de propostas concretas voltadas para o trabalho no campo e valorização da cultura e modo de vida inerentes a esse lugar. A finalidade maior é contribuir para o desenvolvimento sócio-ambiental das comunidades rurais onde atuam e evitar o êxodo dos jovens para a cidade.

A idéia dessas escolas chegou ao Brasil, através de padres italianos nos anos 70, sendo que na Bahia a primeira EFA foi fundada em 1975. Desde então podemos evidenciar um

¹Licenciada e Bacharelada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba. Bolsista de Iniciação científica Projeto de Extensão Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-árido: prática pedagógica do campo. MEC/SESU 006/2010.

²Profa. Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana.Tel./Fax (075) 3224-8084 – BR 116 – KM 03, Campus – Feira de Santana/BA – CEP 44031-460

significativo processo de inserção dessas instituições no estado, que somam, hoje, aproximadamente, 31 escolas. Para articular estas escolas e acompanhar os trabalhos ali desenvolvidos, há duas associações regionais a AECOFABA (Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia) fundada em 1979; e a REFAISA (Redes de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido), fundada em 1997.

As escolas da REFAISA são unidades de análise do presente estudo, e nesse universo seu princípio metodológico, a *Pedagogia da Alternância*, nos chamou atenção pela proposta que incentiva, entre outras coisas, as articulações entre os saberes/experiências dos jovens rurais (e de sua família) no/do lugar e o conhecimento escolar. Para viabilizar os objetivos propostos, a Pedagogia da Alternância utiliza vários instrumentos pedagógicos, entre os quais, destacamos nessa pesquisa o Caderno da Realidade.

O Caderno da Realidade é um instrumento didático que se desenvolve no espaço-tempo da formação do educando, usado como meio de produção de conhecimentos pelos alternantes onde os mesmos registram informações sobre a sua realidade e refletem sobre ela de forma mais sistemática. Em síntese, o Caderno da Realidade traz informações sobre o contexto sócio-ambiental local capaz de revelar o extraordinário na banalidade aparente do cotidiano, expressando também uma dimensão da expressão pessoal onde estão presentes sentimentos, reflexões e pensamentos. Mas será que esses conhecimentos e informações são devidamente problematizados pelos professores, no sentido de ampliar a compreensão sobre a realidade através da articulação com as teorias?

Diante desse contexto, nossa pesquisa tem por objetivo avaliar, a partir da opinião de estudantes e professores, a importância do Caderno da Realidade para a formação dos estudantes; e até que ponto os professores das Escolas Famílias Agrícolas articulam as informações desse instrumento pedagógico ao conteúdo abordado. A referida pesquisa tem como contexto de análise 03 EFAs do Semiárido Baiano, porém, neste artigo apresentaremos dados parciais referentes a EFAAG - Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves, localizada no povoado Caldeirão do Mulato em Antônio Gonçalves – Ba.

2.A Escola Família Agrícola (EFA), a Pedagogia da Alternância (PA)³ e os Instrumentos Pedagógicos

A EFA, e no seu contexto, a PA tem sua origem em Sérignac-Péboudou, França, iniciada com a organização de um pequeno grupo de agricultores e um padre, todos unidos

³ De agora em diante usaremos as abreviações EFA e PA.

por um ideal e uma preocupação comum: o futuro do meio rural e a insatisfação com o ensino e o sistema educacional do país que, no seu entendimento, não atendia às especificidades do campo. Assim, decidem assumir de forma diferenciada a educação para seus filhos. A primeira experiência educativa teve início em 1935, na casa paroquial do Padre Abbé Granereau, onde os jovens ficavam reunidos por uma semana em estudos; e por três semanas permaneciam na propriedade familiar. A partir de 1937 essa experiência recebeu o nome de Maison Familiale Rurale (MFR) ou Casa Familiar Rural, denominação que expressa ambiente familiar, lugar de vida, trabalho, convivência, repouso, lazer etc. (NASCIMENTO, 2005).

Da França, a proposta se expandiu gradativamente para outros países e continentes e, na década de 1960, chegou à América Latina. Segundo, Mattos (2011), nessa época, o contexto brasileiro era semelhante ao contexto existente na França nos anos 1930: uma grande parte da população vivia no campo; economia de base primária; acentuado êxodo urbano, devido o processo de industrialização do país; escolas descontextualizadas, desvinculada da vida do campo e da sua cultura, gerando assim desânimo e ausência de perspectiva de vida, principalmente para o jovem, além de empobrecimento econômico e cultural do meio rural. É diante dessa realidade que, em 1969, no Espírito Santo, sobre a liderança do jesuítico Humberto Pietogrande, surgem as primeiras experiências da PA com o nome de Escola Família Agrícola (EFA), dando origem ao MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), (ROCHA, 2003; NASCIMENTO, 2005).

A EFA apresenta uma proposta educativa que visa a promoção e desenvolvimento rural em bases sustentáveis e está estruturada em quatro princípios, definidos como pilares: 1) pedagogia apropriada denominada Pedagogia da Alternância; 2) a responsabilidade e condução da EFA pelas famílias via associação; 3) formação integral do educando e 4) o desenvolvimento do meio (ROCHA, 2003; MATTOS, 2011). Cada um dos pilares tem sua importância e complementam-se entre si.

Dos quatro pilares apresentados nosso foco principal é a Pedagogia da Alternância. No entender de Gimonet (2007, p. 28), a finalidade dessa pedagogia é “de um lado, a formação integral da pessoa, a educação e, de maneira concomitante, a orientação e a inserção socioprofissional; e de outro lado, a contribuição ao desenvolvimento do território”. Sua metodologia compreende um conjunto dos períodos formativos que se repartem entre o meio sócio-profissional e a escola. Em outras palavras, durante o período letivo, o educando permanece duas semanas no empreendimento familiar e duas semanas na Escola Família. Nesse caso ocorre a articulação dos tempos e dos espaços da formação, e segundo Gimonet (2007, p. 29) “ocorre uma formação contínua na descontinuidade das atividades”.

Para efetivar sua proposta de Alternância, cada EFA elabora um plano de ação cujo objetivo é organizar os instrumentos metodológicos e as alternâncias, possibilitando adaptar o currículo da EFA à realidade de vida dos seus alunos, relacionando os assuntos a serem estudados nos períodos letivos e fundamentando os planos de ensino e de aula. Esse plano é singular em cada EFA e respeita o contexto social, político, econômico, cultural, profissional de cada região. O Plano de Formação (PF) é fruto de um trabalho que integra pais, alunos, monitores e orientadores de estágio. De acordo com Nascimento (2005, p. 295), o PF visa:

Articular os saberes da vida do jovem rural com os saberes escolares do programa oficial; associar os conteúdos profissionalizantes (técnicos) e os conteúdos gerais, humanísticos; facilitar a aprendizagem dos alunos/as; acompanhar de forma personalizada cada jovem tanto na EFA, quanto no meio na construção do ser, do saber, da convivência e da vocação profissional; ajudar na construção do projeto de vida.

Na Pedagogia da Alternância, o centro do processo ensino aprendizagem é o aluno e a sua realidade, e na busca de articular os períodos de formação no meio familiar e no meio escolar, a Pedagogia da Alternância utiliza determinados instrumentos pedagógicos: o Plano de Estudo (PE), a Folha de Observação, a Colocação em Comum, o Caderno da Realidade (CR), as Fichas Pedagógicas, as Visitas de Estudo, as Colaborações Externas, as Visitas às famílias, o Estágio Profissional, e o Projeto Pessoal. Esses instrumentos são específicos e de suma importância para por em ação o Plano de Formação na EFA, pois é por meio deles que se atinge os objetivos propostos. Dentre os instrumentos pedagógicos citados, este trabalho dará um destaque especial ao Caderno da Realidade (CR)⁴.

3. O Caderno da Realidade e sua importância na formação dos alunos das EFAs

O CR é considerado um elemento fundamental no processo metodológico das EFAs. Trata-se de um documento individual do aluno, onde ele registra suas reflexões, estudos e aprofundamentos acerca de sua vida cotidiana. Vários elementos integram a estruturação do CR, a saber: capa ilustrada; plano de estudo; síntese individual; folha de observação; ilustrações; (desenhos, colagens e fotografias); árvore genealógica, para ver o desenvolvimento de uma família; produção de texto, referente ao tema de estudo; mapeamento da comunidade; hábitos alimentares; superstições; croquis; tabela; gráficos. Na composição do CR o aluno é acompanhado individualmente, porque, cada um tem formas diferentes de se expressar e com o passar do tempo o CR se torna rico de imagens e considerações à medida que o aluno vai adquirindo novos conhecimentos. É por meio do

⁴ De agora em diante trataremos o Caderno da Realidade através das siglas CR

estudo das informações nele contidas que se pode vincular as disciplinas e assim concretizar a interdisciplinaridade.

Rocha (2003) entende que o CR dinamiza o Plano de Formação, pois com o auxílio do Plano de Estudo⁵ o jovem interroga os seus pais e os adultos que o cercam e nesse diálogo ele observa, toma notas e depois redige um texto que constitui o CR; tal exercício ajuda no aprimoramento de sua escrita e de sua fala tomando consciência dos fatos. A Colocação em Comum⁶ possibilita a troca de experiências e favorece a expressão oral do jovem suscitando também nele a escuta; propicia ainda ao aluno a abertura a novas experiências, alargando os seus horizontes para aquisição e comparação de novos e maiores conhecimentos. Quando bem organizado demonstra o aprendizado do aluno na escola, na família e meio sócio-profissional; nele se materializam os debates, as reflexões, os questionamentos etc.

O CR possibilita, também, evidenciar a produção e evolução do aluno, pois na EFA os jovens partem de temas simples e diretos para entrar, progressivamente, em assuntos mais complexos e multifacetados. Os alunos acostumados a raciocinar sobre fatos precisos estão aptos, inicialmente, a começar os estudos mais gerais compreendendo os elementos naturais, econômicos e humanos do empreendimento. O CR também é um meio de avaliação, seja para o aluno ou para o monitor. Um e outro, no decorrer dos anos, podem observar a evolução, tornando-se conscientes das melhorias que devem ainda realizar. Mas, qual a opinião de estudantes e professores sobre esse instrumento formativo? Informações ali trazidas são, realmente, abordadas nas aulas das diferentes disciplinas?

4. Percepção de Estudantes e Monitores/professores sobre a importância do Caderno da Realidade para o Processo Educativo

Nossa unidade de análise é a EFAAG - Escola Família Agrícola de Antônio Gonçalves, localizada no povoado Caldeirão do Mulato em Antônio Gonçalves – Ba, tendo como sujeitos de pesquisa 04 professores e 19 estudantes do 8º e 9º anos. A visita a essa escola aconteceu num período de 03 dias durante o mês de março de 2012 e a permanência durante esse período possibilitou conhecer o cotidiano dos jovens na EFAAG, bem como realizar a coleta de dados através da aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas.

⁵ Através dele o jovem, partindo dos temas previamente selecionados e relacionados à sua realidade, formula perguntas no decorrer do período em que se encontra no meio escolar que, por sua vez, serão respondidas em conjunto com seus familiares. No retorno à escola o aluno traz consigo o Plano de Estudo respondido, submetendo-o à análise dos colegas e monitores, ele traz os conhecimentos da cultura popular para a EFA, e é responsável para levar à vida cotidiana as reflexões aprofundadas na escola.

⁶ Momento de socialização do Plano de Estudo. Neste processo busca-se construir um texto comum, uma espécie de síntese do conhecimento de cada um.

Nesse período também foram consultados o Projeto Político Pedagógico da escola e os Cadernos da Realidade de alguns alunos.

Foram investigados 13 alunos do 8º ano e 06 alunos do 9º ano, de um universo de 26, cuja faixa etária variava entre 12 e 18 anos. Esses sujeitos são adolescentes e jovens filhos de trabalhadores, oriundos de municípios baianos como: Antônio Gonçalves, Campo Formoso, Pindobaçú e Itiúba. Escolhemos os alunos das séries finais do ensino fundamental II, por entender que esses tem uma maior vivência com o CR, logo podem falar acerca da sua importância no processo formativo.

4.1 Opinião dos estudantes sobre o significado e importância do CR para o processo formativo

Como já ressaltado anteriormente, o Caderno da Realidade (CR) constitui um elemento fundamental no processo metodológico das EFAs. Trata-se de um recurso que proporciona aprendizados diversos, graças à dialética ação/reflexão/ação dinamizada pela alternância. Diante da relevância desse instrumento pedagógico buscamos verificar a opinião dos estudantes sobre o significado e importância do CR para o seu processo formativo. Do universo investigado, 73% dos alunos destacaram o CR como um instrumento que possibilita refletir sobre a realidade familiar e da comunidade.

Esse grupo, que corresponde a mais de cinquenta por cento das respostas vão ao encontro das idéias de Gimonet (2007), que considera que o CR revela as impressões da família e comunidade, ou seja, é possível “descobrir o extraordinário na banalidade aparente do quotidiano”. (2007 p. 41). Entendemos, portanto, que se essas informações trazidas pelos educandos forem articuladas aos conteúdos específicos das disciplinas (teoria/realidade) é possível a elaboração de um raciocínio que permita aos educandos ler, interpretar, refletir sobre o seu lugar/comunidade, no sentido de desenvolver uma prática mais cidadã com a mesma, identificando seus problemas, buscando soluções (SANTOS, 2007a). E a EFA pode possibilitar essa reflexão partindo do local ao global.

Se o CR é entendido pelos estudantes como um instrumento que possibilita refletir e analisar a sua realidade familiar e da comunidade sistematizando-a em forma de textos e/ou imagens, perguntamos aos mesmos quais contribuições esse processo de elaboração do CR estava trazendo para a vida cotidiana deles. Diante dessa questão, as respostas mais destacadas pelos investigados podem ser agrupadas em três categorias: aumento do diálogo com os pais; ampliação da capacidade de observar e refletir sobre a realidade local; favorecimento da articulação entre o conhecimento escolar e a realidade local.

Com relação ao aumento do diálogo com os pais, os estudantes destacaram que o processo de elaboração do CR estreita os laços entre pais e filhos, a partir do momento que ambos precisam se aproximar para, juntos, trocarem informações sobre a realidade vivida e, ao mesmo tempo, “experienciarem” o que foi apreendido na escola. O Plano de Estudo (PE) que norteia o CR é respondido em conjunto com seus familiares e esse instrumento levanta desafios que os envolvem diretamente. Entendemos que o envolvimento da família com a escola é um fator importante, tanto para a aproximação entre pais e filhos, quanto para favorecer o processo educativo, pois a família, ao demonstrar interesse pela vida escolar do jovem gera condições necessárias para o desenvolvimento de aprendizagens. Logo, uma forma de garantir que as necessidades educacionais dos educandos sejam satisfeitas é através do envolvimento dos pais com as questões escolares. Os dados revelam que esse envolvimento contribui, sobretudo, para firmar uma relação de confiança entre os componentes da família.

No que diz respeito à análise da realidade local, os estudantes apontam como relevante contribuição, pois a elaboração do CR provoca discussões sobre problemas técnicos, econômicos e sociais, dentro da comunidade rural onde estão inseridos. Consideramos esse aspecto de fundamental importância, tendo em vista que o estudo do lugar pode proporcionar ao jovem do rural um conhecimento mais crítico e reflexivo sobre o campo, e a escola pode contribuir para uma mudança na relação entre esses jovens e seu espaço de vivência e, por conseguinte, para o desenvolvimento uma prática espacial mais comprometida com os problemas, desafios e luta por melhorias na sua comunidade (SANTOS, 2007a).

Um terceiro grupo de respostas está relacionado à articulação entre o conhecimento escolar e a realidade local, e esse é um dos pontos importantes dessa pesquisa. Dos estudantes investigados, 32% afirmaram que os professores associam as informações do CR aos conteúdos trabalhados nas disciplinas específicas, e segundo A23, *essa articulação ocorre quando os professores trazem as problemáticas debatidas no Caderno da Realidade e transforma em assunto para as aulas. Porém, 42% afirmaram que apenas o tutor⁷ de cada aluno e/ou grupo de alunos desenvolvem essa articulação, conforme relevam as falas a seguir:*

Não são todos os professores que usam o Caderno da Realidade, os professores que usam são os responsáveis pelo Plano de Estudo (A15).

⁷A Tutoria consiste no acompanhamento personalizado do aluno. Cada monitor/a acompanha um grupo de aluno e o assiste dando a cada aluno a oportunidade de um momento a sós para tratar do Plano de Estudo, do CR, da convivência em casa, na EFA. O tutor é escolhido pelos alunos por grau de afinidade, e localmente é denominado padrinho.

O Caderno da Realidade só é utilizado em casa para o aluno fazer as atividades e ao voltar para a escola é só para o padrinho corrigir (A8).

Por fim, 26% dos estudantes entrevistados, afirmaram que os professores nunca associam os registros do CR nas atividades desenvolvidas nas suas aulas.

Como pode ser observado, há divergências na declaração dos alunos quanto a utilização do Caderno da Realidade na sala de aula. Pelo que podemos entender, apenas os tutores utilizam as informações ai contidas. Ora, o CR é um documento cujo objetivo é registrar e sistematizar experiências sobre o lugar; informações sobre a história/geografia local; aspectos sociais/econômicos/culturais da comunidade; sobre a família etc. Tais informações, segundo Santos (2007b) são saberes cotidianos que muitas vezes apresentam limitações que precisam ser superadas através da articulação com a teoria e uma reflexão mais aprofundada. Essa articulação deve ser mediada pela figura do professor, que orientará o estudante na construção de seu conhecimento; sendo assim, é responsabilidade do professor intervir nesse processo. Se tal articulação não está sendo realizada, o real objetivo da Pedagogia da Alternância, que é o favorecimento de uma análise crítica (o que envolve uma discussão teórica) da realidade local (seus limites, possibilidades) no sentido de contribuir para o desenvolvimento rural (através de projetos de intervenção real) não estará sendo concretizado. Nessa perspectiva, indagamos aos professores monitores sobre a sua formação, o que pensam sobre o CR e como o utilizam nas suas aulas, dados que serão apresentados a seguir.

4.2 Opinião dos professores/monitores sobre o significado do CR para o processo formativo

Durante a nossa visita na EFA entrevistamos 04 professores/monitores (do universo de oito docentes), os quais aqui são identificados como P1, P2, P3 e P4. Vale ressaltar que P3, não é professor/monitor⁸, trata-se de um professor cedido pela Secretaria Municipal de Educação.

⁸ Os professores são profissionais cedidos pelo estado ou pelas prefeituras e que, geralmente, são responsáveis por uma ou mais disciplinas, após as aulas retornam suas casas. Os monitores também são professores, porém politicamente comprometidos com a filosofia das EFAS. São os responsáveis pelo acompanhamento diário dos jovens na escola e no núcleo familiar e/ou comunidade durante a alternância; geralmente moram nas dependências da escola ou passam pelo menos parte da semana no ambiente escolar, uma vez que a formação é de tempo integral. São agentes educacionais da PA que acompanham a evolução individual do jovem. No Plano de Estudo agem como motivadores, orientadores e facilitadores desse processo de aprendizagem e capacitação. Além disso, o monitor deve visitar as famílias e as comunidades dos alunos a fim de efetivarem um real acompanhamento destes alunos no seu período de alternância. Já os professores restringem suas atividades a sala de aula. Na escola em análise seis dos oito educadores são professores/monitores.

Tabela 2 - Perfil dos professores entrevistados na EFA

Professor/ monitor	Formação	Série /ano	Disciplinas	Tempo de atividade na EFA	Conhece os instrumentos da P.A.
P1	Magistério- cursando Pedagogia	6º à 8º	Matemática e ciências	8 anos	Sim
P2	História	7º e 8º	Ciências, Ed. Artística e religião	8 anos	Sim
P3	Magistério	6º à 9º	Geografia e religião	1 ano	Não
P4	Letras	6º à 9º	Português e Inglês	7 anos	Sim

Dados obtidos através da pesquisa de campo, Março 2012.

Ainda sobre a formação de professores, conforme a tabela 02, percebemos que três dos professores estão lecionando as disciplinas para as quais não foram preparados. Isso é um problema, principalmente por que no nosso ponto de vista, a falta de subsídio teórico do professor pode prejudicar o processo de articulação do conteúdo com as informações do CR. É preciso entender que a identidade de cada professor tem relação direta com a disciplina que ensina que, por conseguinte, está relacionada à sua formação. Cada área de conhecimentos tem peculiaridades (epistemológicas, metodológicas), que quando aplicadas em aula garantem melhor aproveitamento do estudante, para cada disciplina há uma didática diferente. Além do conhecimento científico, o jeito de ensinar matemática é diferente da maneira de ensinar geografia e inglês, e a falta desse conhecimento pode comprometer o processo de aprendizagem. Entendemos, assim como Develay (1995, apud SANTOS, 2007b) que a essência da nova profissionalidade dos professores é o domínio dos saberes que ensinam, domínio este que para ele, é de natureza epistemológica, ou seja, corresponde a um olhar crítico sobre os princípios, métodos e conclusões de uma ciência. Portanto, os conteúdos específicos precisam estar bem definidos na mente dos professores para que estes possam saber ensinar.

Porém, conforme os dados da tabela, 03 educadores 75%, atuam em área diferente da sua formação e destes, 02 docentes possuem apenas a formação em magistério. Isso é um problema sério não só nas EFAs, como nas demais instituições escolares, pois é comum o professor se responsabilizar por disciplinas as quais não é formado, para complementação da carga horária semanal. Nesse sentido, não dominam os princípios conceituais e metodológicos das disciplinas as quais são responsáveis; e se ensinam o quem não sabem como articulam a

base conceitual da disciplina ensinada à realidade / saberes dos estudantes? Quais as repercussões que tal circunstância pode gerar no processo ensino/aprendizagem? Ou ainda, a negação de alguns instrumentos da alternância, os quais existem na proposta da PA, mas, na prática não é conferido significado a estes?

Entendemos que a ausência de um substrato teórico-metodológico mais consistente pode resultar na adoção do método de "transmissão" em que o professor é apenas um reproduutor dos conteúdos do livro-didático. E essa situação torna-se mais séria se tratarmos dos princípios da PA articulados ao ensino-aprendizagem das disciplinas específicas do núcleo comum nacional.

Com relação à opinião dos professores/monitores sobre o CR, todos os entrevistados ressaltaram a sua importância no que se refere à produção de textos; desenvolvimento da caligrafia; avaliação da produção do aluno; sistematização dos temas abordados; como embasamento na elaboração do Projeto Profissional. Na opinião dos professores o CR serve ainda como um diário ou caderno de registos. Para P1: trata-se de um *diário do aluno onde relata as experiências de vida e os PE*; Já P2 diz que os alternantes *vão registrar toda vida enquanto estão na EFA*; seguindo o mesmo raciocínio, P3 *afirma que o CR registra os acontecimentos da família e comunidade* e P4 conclui afirmando que *é um acervo da realidade desses estudantes*.

É interessante observar que os professores inquiridos apresentaram várias funções para o CR, principalmente a de diário, mas não o coloca como um instrumento capaz de trazer as experiências vividas as quais servirão de subsidio nas matérias de ensino. Essa deveria ser uma das importâncias do CR, a qual o professor não poderia perder de vista. Todavia, nas suas falas esse item surgiu em segundo plano, e apenas quando foram questionados.

O professor, ao planejar a sua aula, precisa ter consciência de que seus alunos chegam à escola com conhecimentos empíricos já construídos (muitos deles registrados no CR) e que estes vão sempre compreender a proposta de ensino a partir de seus esquemas conceituais prévios. Nesse sentido a aprendizagem é uma (re)construção de conhecimento a partir de seus conceitos iniciais, mas que vão evoluindo para os conceitos científicos através de atividades de ensino nas quais situações problemáticas de interesse dos alunos devem ser colocadas e a metodologia da produção do conhecimento deve ser respeitada (CARVALHO E PEREZ 2002).

A utilização do CR como suporte nas aulas só é mencionado pelos professores quando indagados se utilizam as experiências registradas neste, associando-as aos conteúdos a serem trabalhados na sala da aula. Assim, dos educadores investigados, 02 afirmaram utilizar os

registros do CR em suas aulas, e para realizar tal atividade P1 afirmou que: *faz a colocação comum para perceber a problemática, escolhe os conteúdos e compartilha com os demais*. Já P2 diz que: *na síntese individual e coletiva busco a problemática e caso com os conteúdos que serão trabalhados em ciência. E na Educação artística faço com que ilustre o contexto vivido por eles*. Por outro lado, P3⁹ afirma que utiliza as experiências registradas no Caderno, através do *Plano de Estudo, quando é passado*.

A utilização do CR pelos professores para articular a matéria de ensino tem início na colocação comum. Esse é o momento em que os alunos socializam a pesquisa feita sobre a sua família/comunidade, e são essas informações que, posteriormente, deveriam ser aprofundadas nas diversas disciplinas. A colocação em comum é momento oportuno para que os professores dêem oportunidade aos alternantes de exporem suas idéias sobre os fenômenos estudados, num ambiente encorajador, para que eles adquiram segurança e envolvimento com as práticas científicas. Nesse instante, o professor toma conhecimento da realidade do aluno, é o momento propício para o desenvolvimento da interdisciplinaridade.

Conforme Lück (1998), a compreensão da realidade é complexa, e exige uma forma coerente de percebê-la e explicá-la em todas as suas dimensões. Entende-se que o mundo hoje não consiste de "coisas" isoladas, e sim de interações, pela complementaridade das dimensões culturais, econômicas, ideológicas e políticas. A realidade de cada grupo social e seu projeto de sociedade apresenta-se múltipla e até mesmo em conflito, e a ótica interdisciplinar pode fazer emergir as múltiplas faces e conflitos e permitir o confronto e o diálogo como formas de transformação da prática escolar. Assim, a interdisciplinaridade busca superar a fragmentação, linearidade e artificialização do ensino, e a sua prática na sala de aula implica na vivência do espírito de parceria, de integração entre conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, ensino e avaliação, professor e aluno, reflexão e ação, dentre muitos dos múltiplos fatores do processo pedagógico (LÜCK, 1998).

Mas, para isso, é fundamental que haja diálogo, engajamento, participação dos professores, na construção de um projeto comum voltado para a superação da fragmentação do ensino e de seu processo pedagógico. Ocorre que, alguns professores não participam da colocação em comum, que geralmente ocorre à noite, logo não tomam conhecimento das experiências vividas pelos educando, as quais estão registradas no CR, durante a sistematização coletiva. Haverá outro momento para que esse professores, consultem o CR e

⁹ Professor não tem formação na Pedagogia da Alternância, foi cedido pela Secretaria Municipal de Educação e encontra-se a disposição da EFA.

tome conhecimento dos relatos ali registrados? A ausência de alguns educadores na colocação em comum não compromete o enfoque interdisciplinar?

Verificamos que na EFA os professores/monitores estão submetidos a uma extensa jornada de trabalho, pois com o restrito número de profissionais na escola, resta aos que ali atuam várias atribuições, que vão desde a sala de aula, supervisão e organização da escola (internato), tutoria e visitas as comunidades. Tudo isso torna o tempo restrito para examinar os CR e relacionar algumas experiências a matéria de ensino. Os professores que não exercem atividades de monitoria, complementam a jornada de trabalho em outras unidades de ensino, logo, tem tempo restrito na escola, o que o impossibilita de participar de toda dinâmica da EFA, a exemplo das colocações em comum, os serões, as intervenções externas e as visitas a comunidade, e assim conhecer de forma mais direta a realidade dos alunos. Constatamos ainda que a EFA não tem recursos suficiente para contratar profissionais com dedicação exclusiva.

As situações acima apontadas, conforme evidenciamos em campo e foram ainda citadas pelos professores, dificultam o desenvolvimento da interdisciplinaridade, pois esse é um processo contínuo e os primeiros esforços dos professores que engajam nesse processo, caracteriza-se pela construção de um trabalho de equipe, pelo estabelecimento do diálogo, de modo que conheçam seus respectivos trabalhos, todavia na escola investigada o fator tempo, segundo educadores, vem inviabilizado essa interação. Tal situação tende a prejudicar o processo ensino/aprendizagem, pois é relevante o diálogo entre várias disciplinas, e é neste diálogo que se busca a unidade do saber e a interação de áreas de conhecimento diferentes, o que possibilita a superação da visão fragmentada da realidade.

Partindo da idéia de que alguns professores utilizam o CR em suas aulas, fomos observar essa produção literária e gráfica, para verificar se nela há indícios da interdisciplinaridade. Verificamos que a organização do CR consiste nas perguntas e respostas dos Planos de Estudo; a redação pessoal do aluno; a síntese geral da turma. Não percebemos outras reflexões que demonstrem a relação do jovem com as atividades escolares e sociais.

Ora, entendemos que a síntese é o resultado redigido da realidade dos alunos, trata-se do saber ingênuo, o qual deveria ser mediado pelo professor nas diversas disciplinas, confrontado a realidade empírica com a científica, reelaborando num saber sistematizado. Entretanto, esse confronto entre realidade empírica e científica não ficou bem evidenciado. Mas, se não ocorre a interdisciplinaridade, temos de um lado o PE/CR e do outro lado, o professor/monitor conduzindo o ensino da sua disciplina de forma isolada. É importante estarmos cientes de que não basta o conhecimento isolado da disciplina A ou B, é necessário

questionar o próprio conhecimento e a forma como é produzido e trabalhado, e a interdisciplinaridade viabiliza isso, pois:

O pensar e o agir interdisciplinar se apóiam no princípio de que nenhuma fonte de conhecimento é, em si mesma, completa e de que, pelo diálogo com outras formas de conhecimento, de maneira a se interpenetrarem, surgem novos desdobramentos na compreensão da realidade e sua representação, (FAZENDA, 1979 apud LUCK, 1998 p. 63).

Nesse sentido, se o CR não dialoga com outras áreas do conhecimento torna-se um mero dever escolar, o que vai de encontro à proposta da Pedagogia da Alternância. Pois, sem a integração ou convergência de duas ou mais disciplinas, fica inviável estabelecer um novo nível de representação da realidade, mais complexo e abrangente. Caso isso ocorra, as disciplinas serão "compartimentos fechados sem integração, sem comunicação, aportes isolados." (ROCHA, 2003 p. 35). Lück (1998) afirma, ainda, que a interdisciplinaridade plena só ocorre quando se dá a efetivação de sua finalidade que é o aluno com uma visão global de mundo. Se o CR não está promovendo a superação da visão restrita de mundo e a compreensão da complexidade da realidade, este tornou-se apenas um instrumento de avaliação. Como o aluno descobrirá o extraordinário na banalidade do cotidiano, se esse cotidiano não for refletido à luz das outras ciências? Não seria a reflexão sistematizada das experiências vividas do alternante que revelaria os problemas do cotidiano e apontaria os possíveis mecanismos de superação?

Em síntese, as respostas dos professores/monitores indicam que a ideia de articulação realidade/teoria através de um processo interdisciplinar defendida pelas EFAs não estão sendo efetivadas. Se isso não está acontecendo, o real objetivo da Pedagogia da Alternância, que é o favorecimento de uma análise crítica (que envolve uma discussão teórica) da realidade local (seus limites, possibilidades), no sentido de contribuir para o desenvolvimento do rural (através de projetos de intervenção real), não estará sendo concretizado. E a interdisciplinaridade que, através de uma ótica globalizadora, poderia estar proporcionando a transcendência da visão mecanicista e linear da educação escolar, também não está ocorrendo.

5. Considerações finais

Ao refletirmos acerca da importância do CR enquanto instrumento pedagógico que contribui com a formação integral do jovem, evidenciando que o CR proporciona aprendizagens diversas e auxilia no desenvolvimento de várias áreas de estudo. Todavia no entendimento dos alunos a sua maior importância está relacionada à possibilidade de refletir a realidade familiar e da comunidade e esse processo ocorre por intermédio do diálogo com a

família e as pessoas que os cercam. Tal relação contribui para estreitar os laços afetivos entre pais e filhos. A análise da realidade local, através da sistematização do CR, é relevante, pois suscita discussões dos problemas vividos pelas comunidades rurais aos quais estão inseridos, e estudando o lugar o jovem alternante pode vir a desenvolver um conhecimento mais crítico e reflexivo do seu espaço de vivência.

Muito embora o CR possa desenvolver esse papel, tudo isso vai de encontro à real situação pedagógica da EFA investigada, segundo declaração da maioria dos alunos não há a articulação entre as informações trazidas nesse instrumento e os conteúdos das disciplinas, ou ocorre apenas de forma parcial.

A pesquisa realizada com professores/monitores dessa mesma escola confirma as informações dos alunos. Nesse sentido, acreditamos que a falta de formação de professores, é um dos fatores que vem prejudicando o processo de articulação do conteúdo com as informações do CR, haja vista que a maioria destes lecionam em disciplinas para as quais não foram preparados e o ato de ensinar exige muito mais que o domínio do conteúdo científico, é necessário o domínio de outros saberes, construídos por meio da formação adequada.

Além disso, a própria jornada de trabalho do professor/monitor não vem permitindo que participe dos momentos de colocação em comum. Instante que o professor toma conhecimento da realidade do aluno, portanto, seria o momento propício para articular os saberes, informações e experiências dos alunos ao conteúdo/conceitos estudados e o desenvolvimento da interdisciplinaridade.

Ao analisar os Cadernos da Realidade de alguns alunos, verificamos que a sua organização apresenta uma estruturação engessada, previamente definida, formada por perguntas e respostas dos Planos de Estudo; a redação pessoal do aluno; a síntese geral da turma, não dando espaço para outras reflexões que demonstrem a relação do jovem com as atividades escolares e sociais. A articulação com ciências humanas não estão muito claras, todavia, as áreas do conhecimento que envolve bio-física e agro-ecologia aparecem com mais destaque no caderno.

Constatamos que na EFA investigada o CR vem perdendo seu significado, se analisado à luz dos princípios da PA. Ao invés de proporcionar o estudo dos elementos da realidade alunos/família/comunidade através de uma reflexão teórica que potencialize o entendimento do lugar, continua predominando a fragmentação do saber, tão comum nas escolas da rede de ensino urbano.

6. Referências

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. PEREZ, Daniel Gil. O saber e o saber fazer do professor. In. CASTRO, Amélia Domingues de. CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org.) **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média.**

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs.** Tradução Thierry de Bughgrave. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris, 2007. (Coleção AIDEFA – Alternativas Internacionais em Desenvolvimento, Educação, Família e Alternância).

LÜCK, Heloisa, **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** 5^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes 1998.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação do campo e práticas educativas de convivência com o Semi-árido:** a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2011. (Série Teses e Dissertações, n. 30)

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da escola família agrícola de Goiás – EFAGO. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005. Dissertação de mestrado.

ROCHA, Isabel Xavier de Oliveira. Uma Reflexão sobre a Formação Integral nas EFAs: Contributos do Caderno da Realidade nesse processo na EFA de Riacho de Santana – Bahia. Universidade Nova de Lisboa – Dissertação de Mestrado. 2003.

SANTOS, Célia Regina Batista dos. A cidade de Feira de Santana, a questão da identidade e o ensino de Geografia. In: **Sitientibus**, Feira de Santana, n.36, jan/jun. 2007a (p.7-20).

SANTOS, Célia Regina. Desenvolvimento profissional de professores de Geografia: contribuições de um grupo de estudos sobre o ensino da localidade. São Carlos, 2007b. Tese (doutorado em Educação) – CECH, UFSCar.